

por JOÃO FALCO

por SERGIO AUGUSTO VIEIRA

Depois do sucesso de A História de San Michele, edição portuguesa, e de O que o Livro de San Michele não contou, edição brasileira, vai aparecer um novo livro de Axel Munthe: Homens e Bichos (Memories and Vagaries) — tradução e prefácio de António Sérgio.

O Sr. Tomaz Ribeiro Colaço, em entrevista concedida à «Humanidade», falou de cinema e, entre outras coisas, declarou que, a escrever um argumento de um super-filme, o tentava muito a figura de D. Sebastião; disse também que gostaria de interpretar o papel principal dum filme cómico.

Deve ser fácil. O Sr. Tomaz Ribeiro Colaço, por vezes, é dum cómico irresistível — haja em vista os recitativos de improviso no Rivoli...

«Sol Nascente» inicia hoje nas suas colunas a publicação do ensaio A Cultura e a Técnica, da autoria do jovem e nosso querido camarada Álvaro Salema.

Vai este valioso trabalho constituir o primeiro número de uma série de «Folhetos de Vulgarização Cultural», que «Sol Nascente» a seu tempo editará, no desejo cada vez maior de alargar, noutras actividades, o campo da sua acção.

Recebemos as revistas: «Nosotros» — Buenos Aires, n.ºs 17 e 18, com colaboração de muito interesse, entre a qual: Azorin, José A. Balseiro; Humanismo e Técnica, Juan Cuatrecasas e El Sentido Heróico da Vida en el Arte Wagneriano, Ardoino Martini; e

«Revista Portuguesa» — de S. Paulo, tomos I e II, fasc. V, com colaboração de Ricardo Severo, Sarmiento Pimentel, Sarmiento de Beires, Nuno Simões, Marques da Cruz, etc.

Amor! Muito secundariamente entra o coração, a sentimentalidade pura e desobrigada, no amor... Até noto que quem desperta para o amor, os excitados pelo amor, amam... quem quer que seja! simultaneamente mais de um excitador! Há uma força de instintos, uma coisa qualquer que se desencadeia, tão abrupta e tão complexa, nas sações do amor! Um desejo delicado, mas efervescente, de sedução e de domínio, e de posse e de capitulação... uma ansiedade tamanha e tão complicada, tão confusa, de vida e de morte, de extremos!

E as complicações subitas que o amor gera entre seres vivos e coisas... O ar, a água e a luz, as próprias formas das coisas, parecem combinadas com o espírito dos amorosos, parece que sensualmente os afagam!

Não há nada, não há palavras, nem razões que definam o que de positivo e minaz e extraordinariamente subtil, amodorra, circunscreve e dilata! a atmosfera dos amorosos; nem a finura da correspondência dos seus desejos.

E eu não falo senão como desencantada e cerebral.

//

Apareço-te quasi sempre com os ares do filho pródigo, o que andou por fora, entre a gente ímpia... E tu sempre me entendes.

O nosso mau viver, o de cada uma de nós, tira inteligência, e não sei se conforto, se resignação, do que presenciava...

Ao pé de ti sinto-me às vezes a criança, a criança serôdia, de que tu tens dó. Para a consolare revetes-te de uma gravidade delicada, muito compreensiva e extensa.

Mas é isto que eu te quero dizer?

No outro dia disseste que mesmo em presença de estranhos nós falávamos sempre uma para a outra. E' verdade. E o mesmo se dá com o que escrevemos. E' para o entendimento da outra...

E se nunca nos tivéssemos encontrado? Teria sido muito pior, sobretudo para mim, que não tenho família, que não tenho amores na vida.

Ontem viste-me soturna e consolaste-me, bem discretamente!

No domingo passado, à conta de uns ditos e de uns casos que comentávamos, puseste-me materialmente a mão no coração. Com as tuas razões tão naturais e tão elaboradas, tão pensadas, afinal corroboraste, justificaste os meus sentimentos. E ficaste comigo depois dos teus terem saído. Vias-me agitada e querias-me serena.

Ai, é consolador, é, haver onde se poise o coração! E era o que eu em todo o dia sentia — que desencrava em ti.

Despresos, aborrecimentos, permanentes revoltas e cansaços, sossegavam, calavam-se, porque tu os entendias.

Minha filha, me chamas às vezes. Sim, o amparo é maternal, e só tu mo tens dispensado.

Há bocado, antes de começar a escrever isto, ouvi um pássaro. Sempre a voz, inesperada, repentina, dos pássaros me tem impressionado. Esta transportou-me não sei a que tempos. Lembrei-me do fradresco, aquele,

alacrie fradresco que nos dava os bons dias, com um trilo vivíssimo, no ermitério do Facho, há quasi 20 anos, há 17!

Como éramos nós? Como éramos...

E também me lembrei do monge e da lenda. Convencionalmente, fatalmente... O monge, em resumo, é a vida de contemplação. Há de ser fantástica e feliz, uma vida que se passe no desdobramento de qualquer sereno e exclusivo ideal...

Pensei no monge sem paixões, com a sua única e lírica paixão, a reconhecida, percebida que as nossas vidas e os nossos gózos são outros. Serão breves como o grito da ave mas são mais ambiciosos, e muito mais profundos, embora inexpandidos, que a simbólica contemplação.

Aquele pássaro cantou... O que querera dizer? Nada. E' sinal de um apelo, uma fantasia, qualquer incerta solicitação? Não é nada... mas ainda é bom ser-se sensível, inquieto...

Ai, quando de todo tivérmos ensurdecido e cegado, por dentro e por fora! Pensar nisso é que me aperta misérrimamente o coração! Hoje, que ainda tenho vigôr; depois nem o perceberei... Mas pensar que assim há-de ser, dá-me uma espécie de antecipação moral da morte.

No entanto, não é só o medo de não vir a sentir que me aflige; aflige-me, ou antes apouca-me, a desconfiança de quem não sente suficientemente.

//

Aquele gente...

Mas aqui está um assunto que se não pode tratar como os sentimentais! que é muitíssimo mais confuso, embora comum, vulgar e até burlesco... Que poderá fazer rir a galeria longínqua, defendida; que pode ter o ar de episódio, de peça de costumes; que oscila entre o ridículo e o grave, etc... Aqui está um bocado do tecido social, tão grosseiro, que pede realmente uma arma rija para o decalcar. E' grosseiro, e fará rir os delicados, mas a mim, que estou apertada nele, confrange-me, sufoca-me!

A ambição acatelandada mas violenta... a miséria que a adula, teme e explora, com receios e pequenos confortos, pequenos proveitos... O cinismo acanhalado, disfarçado, quasi infantilizado, arvorado em indiferença e me'a acomodação, dos novos. A manha soez dos mais velhos. A audácia, a teima e a perfídia das mulheres. A irrespirável atmosfera desta falsa sociedade, do acaso, mas viva!

Há uma coisa, sobre todas as outras, que mais me incomoda. A falta de respeito de uns pelos outros... Cada um se julga a si o superior e ter em mínima conta o valor dos outros. Não haver mesmo uma ideia de valores. Mas a ideia, única, de predomínio! E a atitude, correlativa, da indiferença, do desaprêço, do estúpido desdém.

E saio disto... e entro no meu grande néant, o mundo dos dispersos e dos estranhos.

//

Riam-se, paredes! A boa da senhora Cel. quere-me

casar com o filho, um rapaz todo papo seco, na sua boca, que anda pelos bailes... Coitada! e que lhe não cruza a porta, que lhe não dá um chave, que a despreza de todo em todo. Mas ela que me acha muito a seu gosto e que teve dois maridos, dois homens que ganharam para ela, e que me estima, lembrou-se de me oferecer o filho... Mas acrescentou, modestamente: a senhora não quere rapazes pobres! E' só essa a dificuldade... Quando eu lhe digo que há mulheres que não casam porque não têm com quem, a Cel. ri-se. Realmente, ela que está à porta dos 50, ainda tem quem a requete! E a Ismênia, ainda mais velha do que ela, também. Para a Cel. não há coisas confusas. E o seu coração é bom, inocente. Os seus modos, um pouco atabalhoados, de mulher que não vê bem e teve sempre muito pouca lida e casas muito pequenas, já se tornaram para mim uma característica simpática e natural da sua pessoa. A Cel. é também o símbolo da franqueza e da lealdade, sem sombra de grosseria. Quando se vai embora, a meio da tarde, faz-me falta... Mas vai lá para a sua rua da Costa, não a posso deter. E já estou tão habituada à sua saída!

Se eu lhe contasse um dia, por amável correspondência, quando ela se põe com as suas discretas conversas de homens, a história dos meus pretendentes, a Cel. não a acreditava, ou lhe dava volta à cabeça. Porque é que aquele homem lá de cima, pèrro, mais velho do que eu, me havia de achar insuficiente para ele? E porque é que outro, falsamente complicado e egoísta, me havia de mandar casar com outros, solicitando-me os meus favores? E porque é que o simplório do tenente me havia de escrever que me queria desposar? (A Cel. a isto não faria nenhuns comentários). E porque é que um outro me havia de rejeitar, falando de ligações sérias... Basta! Há coisas que pedem tão finas e esforçadas referências!

Ora, todos os meus escapadigos pretendentes (quanto tenho que lhes agradecer não terem sido mais pertinazes! que miséria a arrastar pela vida!), tirando o tenente, coitado, que era viúvo e precisava de mulher em casa, perceberam que comigo se podia fazer jogo franco, e que era dócil, talvez. Não os tentava a minha intimidade, os meus mistérios afectuosos, nem qualquer graça ou bondade especial (cada um tem as suas). Creio que não tinham alma para esses interesses. E acharam inúteis, dispensados os subterfúgios. A minha situação, também, não lhes merecia o sacrifício da liberdade, o que os homens chamam a sua liberdade. E para mais, eu nem era uma daquelas mulheres aparatosas e rijas que são capazes de fazer figura, de ser gente para os outros... Enfim, somado tudo isto com o que me não ocorre, eu era uma lebre a correr sem cerimónias, depressa! Abençoados... Ainda lhes sou grata, pelo que já disse.

Mas todas estas razões, é verdade que breves, deixariam a Cel. completamente desorientada.

Se eu era, pelo testemunho dos seus olhos, uma mulher sem defeitos, sabia governar uma casa, e tratava bem as pessoas! E o mistério subsistia... Talvez que o esclarecesse aquela pequena chave: a senhora não quere rapazes pobres! Talvez que a minha ambição me perdesse...

Coitada da Cel! Também lhe não havia de entrar na cabeça que o prejuízo das pessoas (pois que lhe hei-de chamar?) possa estar na sua falta de ambição... Como havia ela de entender que a minha tolerância, ou o meu fantasioso interesse pelas coisas fugazes e de pouco valor, me desanimasse e me inhabilitasse, por fim, a esperar outras, melhores?

Esperar... é sempre um acto forçado e intimamente tão desconsolado!

Talvez tivesse razão um homem de crueldade afectada em me dizer, aqui há anos: porque espera ainda? Ele nada me oferecia, na verdade; mas para que havia eu de esperar?

O Bac, quando me conheceu, com excessiva franqueza, que lhe não leve a mal, e que depois, quando reconsiderei, me deu a nota da difusão de uma das minhas bem poucas, mas ainda assim mesquinhas aventuras, lamentou na minha cara a minha escolha de maridos... O seu dito creio que envolvia simpatia e censura. Eu, na hora de o ouvir nem o percebi bem, julguei que ridicularizava o meu celibato. Depois, entendi-o. Mas, para os comentadores, tudo é simples. A delicadeza do assunto e a nossa pouca intimidade inibia-me, no entanto, de dizer aquele, de lhe pedir, que me não culpasse o gosto, o entendimento e a sensibilidade... que há miseráveis, pobres, infortáveis, tão infortáveis e ansiosos condições de vida, que tudo que elas regulam e produzem é aceitável, justificável!

Nada é simples! Simples é a língua, por exemplo. Pois aquele outro... Aquele bruto que dizia nun ch'el, que tinha uma alma árida, áspera, selvagem, e ainda era valioso e autoritário, bravo, não me abriu, não me provocou perspectivas de espírito contemporâneas e benévolas? A sua impulsiva, breve dorçura, que me parecia virgindade sentimental, não era nele, para os meus olhos, uma gala, uma inconsciente virtude, uma oferta, um valor?

Vida, és generosa, és... Isto é generosidade da vida, e da nossa condição humana, de a todos e a tudo, nos adaptarmos! E tudo o que passou, como os relâmpagos, sem durabilidade nem remanso; que passou, posso dizer, estúpida e fantásticamente, devia ter passado. Ofendeu-me, sem dúvida, mas foi como uma fatalidade, o caso ou a circunstância inevitável, natural. Não há culpas. Há a brutalidade irremediável, a violência e a grosseria indomáveis, e a fraqueza irreflexiva, acobardada, curiosa e sempre vencida.

//

Esta noite estive imenso tempo acordada. Estarei já como os velhos?

Acordada, sentia o tempo pesar sobre mim, avançar. Somos uns naufragos, não so-

mos? Naufragados, perdidos, no tempo e até na cama! Desamparados de todo!

Mas tive um pequeno sonho, antes ou depois da minha insónia. Sonhei que no meu tinteiro havia água... Não me lembro do resto do sonho, mas isto impressionou-me.

A'gua, sim, água! E' com o que escrevemos... Tiram os cor a tudo que comnôco se passa reduzindo-o a escrita.

//

Lília! Como o seu nome me acudiu... Há tantos anos tocava ele piano com a Mali! E a mãe dela? Vajo a tal qual. Pintada, agarrada com paixão aos seus restos, muito fanados, de beleza e de elegância... Elegância burguesa, com algum requinte. A Lília, com mais 7 ou 8 anos que eu, que tinha 19, se não me engano, era muito suave, bem educada e baixinha. Mas tinha uma pele admirável, que ainda conserva. E uma boca esquisita, sinuosa, fechando de mais. A sua língua parecia muito seca. Os olhos muito rasgados e um pouco fechados eram bondosos, discretos, sorriam sem grande alegria. Parece que a mãe a dominava.

Pouco soube da sua vida. Casou com um parente africanista, foi infeliz com ele em A'frica, e não sei do resto.

A Lília... Fizemos que nos não conhecêmos. Realmente ela com quem se dava era com a Mali. Está uma senhora pesada, pata, capaz de ser avó! Quem sabe se o é!...

Ruins e frios tempos, aqueles! A Lília ainda mora no mesmo sitio, hotel. Banalíssimos sitios.

//

Ai, tempo, tudo corroerás e dissolverás, realmente? Talvez não. Passas por cima de nós, vais-nos deixando para traz, para traz, e abrindo espaços novos.

Fechar portas! Eu saberei fechar portas? Creio que não. Aquele movimento breve de ir para a frente, de arredar, ou de mudar, de procurar, até, não me é próprio. A alteração voluntária, a volubildade estudada, explorada, também não.

Mas eu não posso dizer, em todo o caso, que sou contra a volubildade, que a desdenho ou que a combato. A monotonia pesada da minha vida, sem graças, sem alívios amáveis, sem acidentes renovadores não me instiga a tendência à volubildade, é o que é.

//

Como hei-de dizer o que é, e não sei se é, sem regulamento nem ordenação possível?

Queixar-me de um mal que se me insinua no espírito como a sua própria e fatal mecânica?

Passou já a hora da violência... Como eu sou intimamente violenta e infeliz! E também já passaram, creio, as horas higiénicas... as dos pensamentos acomodantes, da resignação. Não de vir, mas ainda não vieram (o espírito repousa, divaga e distrai-se involuntariamente) as da crítica. Crítica, crítica, praticamente inútil!

E' repúdio, é cansaço? Este desespero, e esta teima de dar nomes às mais miúdas e familiares coisas!

Quem dera poder vencer, aniquilar a maldade da vida. E a tal mecânica, sua derivada... Fechar portas, afinal, sim! Deitar fora, ser impassível, indiferente, talhar novas vidas, sempre novas vidas, vidas pessoais!

As belas tardes de solidão, porque há horas boas de solidão... são de vez em quando o meu tristonho bálsamo.

E' estúpida a vida que me torna absolutamente um ser passivo, sem autoridade, sem vontade! Um espectador cansado, enervado e desinteressado dos torvelinhos dos outros.

//

Reg é triste, e suponho que volúvel. Alguma coisa lhe falta para inspirar inteira confiança. Parece, mesmo, que desdenha desta confiança. E' muito intelectual para querer cultivar. O seu pensamento é repousado e de um amargor benigno, destes pensamentos que acompanham e acarinham com altivez, rejeitando respostas. E' um produto raro num mundo de espectaculosos, como o nosso. E, no entanto, contra sua vontade, eu, e talvez outros, o vamos acompanhando e estabelecendo com ele irredutíveis, inevitáveis compromissos.

//

Catavento de S. Francisco. Nuvens. Escuridão e claridade. Tarde. A minha vida vai para baixo. Sinto que vai! Há um ano já que isto sinto... Ninguém faria de mim um retrato como fez Voc daquela mulher 10 anos mais velha do que eu. A intelectual portuguesa é uma mulher pobre. Desinteressantemente pobre, irrespeitável, tímida. E então quando perde o frescor...

Deve aparecer por estes dias o primeiro volume dos «Cadernos da Juventude», que são uma iniciativa editorial destinada a revelar a actividade dos novos nos três géneros principais da produção literária — ensaio, novela, poesia — e a divulgar, numa secção de inquérito, depoimentos das mais categorizadas figuras da cultura portuguesa actual.

E' o seguinte o índice do primeiro volume:

ENSAIO: Considerações sobre a missão do intelectual e o problema da cultura, por Manuel Figueira; NOVELA: A bigorna, por Frederico Alves; POESIA: Poema da manhã clara, por Alvaro Bandeira; Poema do sacrifício sublimado, por Mário Dionísio; Gênesis, por Políbio Gomes dos Santos; INQUÉRITO: Quais as ideias que em Biologia mais interessam a juventude de hoje? — Resposta do Prof. Abel Salazar.

Os «Cadernos da Juventude», que terão em regra cerca de 64 páginas, serão postos à venda, ao preço de \$500, em todas as livrarias do país.

Podem também requisitar-se à Administração (Arco do Bispo, 1, Coimbra) que os enviará à cobrança, sem o acréscimo do porte.

Negar a legitimidade da crítica ou obstinar-se em lhe recusar a independência e liberdade é ser-se partidário do obscurantismo. Quem denegar a crítica inferioriza-se e reprova o esclarecimento.

A verdadeira crítica não pode ser amorfa ou a expressão de amorfos seres; ela será sempre o melhor auxílio da evolução, porque sendo previdente e observadora, expressão e vida, conduzir-nos-á à aproximação do conhecimento verdadeiro do tradicional triptico de todos os valores últimos — valores éticos, lógicos e estéticos, do bem, da verdade e do belo.

Sem crítica não haveria valorização das coisas. Ela é a filosofia dos valores.

O homem e as sociedades sem a crítica não se elevariam além duma existência vegetativa, grosseira, precária, desconhecendo a noção do bom e do mau.

As épocas em que é manifestada a ausência de crítica podem considerar-se épocas mediocres, de desagregação, de decadência, de vida infesta para a humanidade. Ela é a expressão humana e vivente. De si promana a verdade.

A literatura tem na crítica o seu melhor ideal e o mais sólido fundamento. O crítico é um escritor de acção e pensamento. A sua missão não consistirá apenas em alinhar palavras sem sentido, que os mediocres, por ausência de senso-crítico, utilitarismo e egoísmo, poderão aplaudir; mas, consistirá em colocar-se, com todas as suas faculdades de homem, com a sua razão e a sua sensibilidade, em frente da obra para a valorizar e orientar o senso comum.

A supressão da crítica equivaleria a coartar a liberdade de pensar, e a ausência desta representaria o afastamento do meio que, parece, melhor poderá encaminhar a humanidade a aproximar-se do conhecimento do justo, do verdadeiro e do real.